

VISÃO DO CORREIO

BF- Brasília

Patrimônio cultural de Brasília

A conservação das obras de Athos Bulcão tem motivado cuidados dos brasilienses em particular e dos brasileiros em geral. Trata-se de 261 peças espalhadas por diversos pontos da capital. Muitas, expostas em lugares públicos, sofrem não só os maus-tratos das intempéries, mas também de vandalismos ou de pessoas incapazes de avaliar a riqueza que se oferece aos olhos. Não só. Algumas, embora abrigadas em palácios ou sede de clubes, também escapam da ação predatória.

Às vésperas de completar 50 anos, Brasília tem o grande desafio de preservar suas joias culturais. Precisa inventariar as obras, restaurar as danificadas e mantê-las em bom estado para as gerações presentes e futuras. A tarefa não é fácil. Exige recursos e determinação. Sobretudo em países subdesenvolvidos, o patrimônio cultural não figura entre as prioridades do Estado. Deixá-lo em segundo plano se explica. São nações que ainda não conseguiram atender os clamores por educação, saúde, alimentação e moradia dos cidadãos. O pragmatismo, no caso, fala mais alto.

O governante, porém, tem de pensar mais longe. O compromisso que assume ao ser eleito não se restringe à geração presente. Estende-se às futuras. Ele precisa ter um olhar no agora e outro no depois. Na teoria, ninguém duvida da importância do patrimônio cultural. As obras produzidas ao longo dos anos por gênios da ciência e das artes testemunham as ideias vivas que cada época possui.

Aristóteles, ao estabelecer a diferença entre história e literatura, deixou claro o papel exercido pela cultura. "A história", disse o pensador grego, "conta o que os homens foram. A literatura, o que os homens quiseram ser". Quando o tempo apaga o passado, os arquivos guardarão a memória dos fatos. Abertos, revelarão os feitos contados pelas autoridades de planejamento. São importantes, mas não suficientes. Comparam-se a uma face da moeda.

Desconhecerão os sonhos, as fantasias, as ambições nunca concretizadas. Vale o exemplo do índio brasileiro. A história conta que ele foi impiedosamente caçado pelos colonizadores, ansiosos por mão de obra escrava. A literatura, a poesia, a pintura e a escultura mostram criaturas superiores, com educação refinada, de tradições capazes de ombrear com as mais respeitadas da Europa. Eles retratam o ideal do brasileiro de então, que queria ter raízes com as características tidas por superiores no século 18.

Povo que não preserva a memória do próprio percurso pela história condena-se à ignorância. Toma conhecimento de meia verdade — uma só face da moeda. A outra, em branco, constitui prova de empobrecimento. A expectativa é que Brasília seja, também, na preservação da memória, exemplo para o Brasil. A cidade construiu patrimônio cultural compatível com o meio século de vida. Mantê-lo vivo significa enriquecer herança que não pertence só aos brasilienses. Pertence ao Brasil e ao mundo.